

ANÁLISE DISCURSIVA DA METÁFORA: REVISITANDO O ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO

Luciana Moraes Barcelos Marques

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar um resumo da pesquisa realizada para a consecução da dissertação de mestrado de mesmo título. Nela nos propusemos a revisitar o estruturalismo saussuriano buscando analisar os posicionamentos teóricos de Saussure no que tange às concepções de signo, valor linguístico e referência, intencionando abstrair deles o conceito de metáfora. Apoiando-se em uma perspectiva discursiva, defende-se a metáfora como constitutiva da linguagem, estando ancorada na concepção de valor linguístico gerado por Saussure e ratificado por Ricoeur (2000) e Barthes (1979).

Palavras-chave: Metáfora, valor linguístico, discurso político, discursividade.

1. INTRODUÇÃO

No momento em que a metáfora tem sido discutida no nível da cognição, em que ela é compreendida como sendo construída a partir das experiências sensório-corpóreas do indivíduo ou mesmo como lugar por excelência de construção da realidade em linguagem, como quer as teorias discursivistas, propomos um revisitar dos conceitos saussurianos que sustentam as concepções sobre a metáfora em seus primeiros momentos da instauração da Linguística como ciência da linguagem, a fim de observar as repercussões das concepções estruturalistas nas teorias mais atuais.

Esta pesquisa surgiu da comparação entre o livro *Escritos de Linguística Geral*, que publica parte dos manuscritos de Ferdinand de Saussure descobertos num anexo de sua residência em 1996, e o *Curso de*

Linguística Geral, resultado da compilação das aulas de Saussure na Universidade de Genebra nos anos de 1907, 1908/09 e 1910/11.

A partir desse cotejo, esta pesquisa se propôs a observar algumas das repercussões do estruturalismo saussuriano que se encontram em autores que abordam a metáfora, avançando, especificamente, por Ricoeur (*A Metáfora Viva*, 2000), por Foucault (*As Palavras e as Coisas*, 1966), por Barthes (*Elementos de Semiologia*, 1971), e por Lakoff e Johnson (*Metáforas da Vida Cotidiana*, 2002).

Cabe ressaltar que este artigo é uma síntese de uma dissertação de mestrado e objetiva apresentar ao leitor o desenvolvimento dessa pesquisa, os argumentos utilizados e os resultados atingidos. A seguir, apresentaremos sucintamente suas principais bases teóricas advindas a partir da comparação do *Curso* com os *Escritos*, e apresentaremos algumas repercussões saussurianas para os estudos da metáfora, bem como as conclusões da análise que realizamos, além de algumas considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A importância de Saussure é amplamente reconhecida no meio linguístico, desta forma pretendemos retomar sua obra pelo viés de seus manuscritos – nos *Escritos* – em contraponto com o famigerado *Curso de Linguística Geral*. Cabendo destacar que nosso objetivo não foi discutir os livros na íntegra, mas abordar principalmente algumas concepções saussurianas a partir da sua teoria do signo linguístico e seus desdobramentos sobre a metáfora.

É primordial compreendermos as noções de signo, valor linguístico e referenciação em Saussure, em contraponto com os demais autores, para conseguirmos abstrair um conceito de metáfora.

Para Saussure, o signo não aponta para o mundo, mas para a própria linguagem. O *Curso* afirma que “quando se fala em valor de uma palavra, pensa-se geralmente, e antes de tudo, na propriedade que tem de representar uma idéia, e nisso está, com efeito, um dos aspectos do

valor linguístico" (Saussure, 1973:132). Vemos, então, a representação de uma idéia e não de uma realidade, pois a relação linguagem-mundo não é seu objeto de estudo, pois deixaria de ser linguístico e, na representação dessa *idéia*, o valor seria os matizes de significado que o signo pode portar numa associação inter-sígnica. Em seus *Escritos*, Saussure afirma que

Em linguística, nós negamos, em princípio, que haja objetos dados, que haja *coisas* que continuem a existir quando se passa de uma ordem de idéias a outra, que seja possível considerar as "coisas" em várias ordens, como se elas fossem dadas por si mesmas (Saussure, 2002:173).

Verifica-se que, para o autor, linguagem e realidade são de ordens distintas, ele não nega a realidade, antes evidencia que não é próprio da língua nomear os objetos, mas expressar relações de valor nos signos. Dessa forma, a linguagem tem seu referente na própria linguagem, e o que determina o valor de um signo dado são suas relações inter-sígnicas. No *Curso*,

O valor, tomado em seu aspecto conceitual, constitui, sem dúvida, um elemento da significação, e é difícil saber como esta se distingue d'ele, apesar de estar sob sua dependência. É necessário, contudo, esclarecer esta questão, sob pena de reduzir a língua a uma simples nomenclatura (Saussure, 1973: 133).

A essa noção de valor, devemos acrescentar as ocorrências metafóricas, pois quando utilizamos metáforas, o valor do signo proposto passa a ser metafórico. Nos *Escritos*, Saussure afirma que "uma forma não *significa*, mas *vale*: esse é o ponto cardeal. Ela *vale*, por conseguinte ela implica a existência de outros *valores*". (Saussure, 2002: 30).

Nesse sentido, a metáfora passa a ser uma "possibilidade de valor" que o signo pode vir a ter, restando somente retomar de que forma isso se configura. Nos *Escritos*, o autor afirma que "não há diferença entre o sentido próprio e o sentido figurado das palavras (ou: as palavras não têm mais sentido figurado do que sentido próprio) porque seu sentido é eminentemente negativo" (Saussure, 2002: 67).

Nesse pressuposto, estaria decodificado que a oposição “positivo *versus* negativo” refere-se ao conteúdo do signo, ou seja, as propriedades que o conteúdo do signo remetem em igualdade a outros signos expressam sua positividade, enquanto as diferenças em relação a outros signos, a sua negatividade. Pois “quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema” (Saussure, 1973: 136).

Sendo assim, para Saussure, a metáfora se configura como uma possibilidade de sentido que se materializa pelos traços de significação/distinção contidos no valor que lhe é atribuído na linguagem, diferentemente da noção de desvio que lhe era atribuída dentro do estruturalismo pós-saussuriano. De acordo com Lopes (1987), “o princípio do desvio tem sido, na realidade, o mais fecundo dentre os postulados estilísticos modernamente invocados para a construção de uma teoria da literatura em bases científicas” (Lopes, 1987: 07). Diferentemente,

Saussure deu realce ao fato de que a relação significante/significado sempre deve ser considerada à luz do sistema linguístico em que o signo se insere, e não das situações práticas em que a língua intervém ou das realidades extralinguísticas de que permite falar. Essa recomendação vai no sentido de uma linguística *immanentista*, ou seja, de uma linguística que procura minimizar as relações que a língua mantém com o mundo (Ilari, 2005: 64).

O valor linguístico tem sua base significativa dentro da comunidade linguística e, principalmente, dentro das possibilidades estabelecidas dentro do seu sistema de significação na sociedade, assim, “o vínculo social tende a criar a comunidade de língua e imprime talvez ao idioma comum determinados caracteres” (Saussure, 1973: 261), o que condiciona à idéia de metáfora como uma acomodação semântico-social sobre um valor no signo.

O postulado saussuriano de que “na língua só existem diferenças” comprova a dimensão social da língua em oposição à acepção individual da fala e a um suposto sistema fechado, pois as diferenças manifestam-se sobre os traços linguísticos e, ao mesmo tempo, põem em foco a linguagem

metafórica como a exterioridade dessas diferenças (contidas num feixe de valores linguísticos) que se materializam na esfera social.

Essas considerações demonstram que o signo, na visão de Saussure, não tem uma natureza hermética em relação ao par significante-significado e nem se presta a nomear a realidade pelo parâmetro conotação-denotação. Entende-se, portanto, que o signo linguístico integra “um sistema livre que só depende de princípios lógicos e, como uma ciência pura, de relações abstratas” (Saussure, 2002: 288).

Dessa forma, a língua passa a ser “tarefa de toda a gente; difundida por u'a massa e manejada por ela, é algo de que todos os indivíduos se servem o dia inteiro [...] cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de todos” (Saussure, 1973:88, grifo nosso). Infere-se, então, que o papel da comunidade é relevante para produzir, a cada momento, novos sentidos; pois as influências recebidas ou transferidas podem recair sobre as construções metafóricas, de modo que todo esforço para sistematizar a língua só se viabiliza num *continuum* de relações sociais.

Nesse sentido, Ricoeur (2000) acrescenta a metáfora como uma acomodação semântica pela via interpretativa, pois

A metáfora não é viva apenas por vivificar uma linguagem constituída. Ela o é por inscrever o impulso da imaginação em um “pensar a mais” no nível do conceito. Essa luta para “pensar a mais”, sob a condução do “princípio vivificante”, é a “alma” da interpretação (Ricoeur, 2000: 465).

Vejamos na citação acima que Ricoeur apresenta a vividez da metáfora não apenas ao nível da linguagem, mas também ao da interpretação, como um “pensar a mais”. A metáfora apresenta-se, para o autor, “como uma estratégia de discurso que, ao preservar e desenvolver a potência criadora da linguagem, preserva e desenvolve o poder heurístico desdobrado pela lição” (Ricoeur, 2000: 13).

Foucault (1967), por sua vez, não desenvolve o conceito de metáfora, mas o podemos inferir por seus posicionamentos quanto à relação linguagem

– referenciação. O autor afirma que

Não há linguagem quando a representação se exterioriza mas sim quando, de uma maneira regulada, ela tira de si um sinal e se faz representar por ele. Não é, pois, a título de sujeito falante, nem no interior de uma linguagem já feita, que o homem descobre em torno de si sinais que seriam como outras tantas palavras mudas a decifrar e a tornar audíveis de novo; é, pelo contrário, por a representação pôr em jogo sinais que as palavras podem nascer e, com elas, toda uma linguagem que não é senão a organização ulterior de signos sonoros (Foucault, 1967: 149, grifos nossos).

Portanto, a linguagem para Foucault também aponta para a própria linguagem, mas como construção de sentido, sendo que a metáfora é parte constituinte dessa linguagem. Cabendo destacar que nessa concepção de linguagem, a metáfora é intrínseca a essa “organização ulterior de signos sonoros”.

O conceito de valor também é trabalhado por Foucault, em que

[...] para que uma coisa possa representar outra numa troca, é necessário que elas existam já carregadas de valor; e, todavia, o valor só existe no interior da representação (actual ou possível), quer dizer, no interior da troca ou da permutabilidade (Foucault, 1967: 254).

Podemos observar que o sistema de valor de Foucault é mais explícito em suas relações internas, pois estabelece que “o valor só existe no interior da representação”, ou seja, a negociação do sentido se dá dentro das relações linguísticas que já vêm carregadas de significados prévios e previsíveis, e a metáfora, nesse contexto, é mais uma negociação de sentido, no valor linguístico.

De outra forma, Barthes evidencia a distinção do significado denotativo e conotativo, distinção esta que se perpetua até aos dias de hoje nos manuais de ensino, porém de maneira mais simplificada. Para o autor, o plano de denotação é similar à metalinguagem, na qual se tem o signo pelo signo – nas palavras do autor, “*uma Semiótica que trata de uma*

Semiótica” –, o sentido denotativo, então, é o sentido sem interferências dos sujeitos. Já o plano da conotação,

[...] compreende significantes, significados e o processo que une uns aos outros (significação), e é o inventário destes três elementos que se deveria primeiro empreender para cada sistema. Os significantes de conotação, que chamaremos *conotadores*, são constituídos por *signos* (significantes e significados reunidos) do sistema denotado (Barthes, 1979: 96).

A metáfora para Barthes, então, está imbricada ao sistema conotativo, sabendo-se que este tem por significante um signo pré-existente no plano denotativo, que também opera na significação. Pois “seja qual for o modo pelo qual a conotação ‘vista’ a mensagem denotada, ela não se esgota: sempre sobra ‘denotado’ (sem o quê o discurso não seria possível)” (Barthes, 1979: 97); desta maneira, o sentido sempre terá uma base denotativa – pré-existente. O autor acrescenta que

[...] o conjunto de uma análise semiológica mobiliza ordinariamente, ao mesmo tempo, além do sistema estudado e da língua (denotada) que dêle se encarrega mais frequentemente, um sistema de conotação e a metalinguagem de análise que se lhe é aplicada; poderíamos dizer que a sociedade, detentora do plano de conotação, fala os significantes do sistema considerado, enquanto o semiólogo fala-lhe os significados; êle parece possuir, pois, uma função objetiva do deciframento (sua linguagem é uma operação) diante do mundo que naturaliza ou mascara os signos do primeiro sistema sob os significantes do segundo; sua objetividade, porém, torna-se provisória pela própria história que renova as metalinguagens (Barthes, 1979: 99, grifo nosso).

Quando o autor evidencia que a sociedade é detentora do sistema de conotação, ele prima pela condição natural dos sentidos conotativos, tendo, portanto, a metáfora como o sistema mesmo da língua. E este sistema aponta e constrói a realidade dentro da própria linguagem.

Diferentemente, Lakoff e Johnson, nos seus recentes estudos dentro do cognitivismo, entendem o sentido construído na interação, sabendo-se que ela se processa entre os sujeitos e entre o sujeito e o meio. As relações de

sentido se estabelecem baseadas em estruturas pré-determinadas (como as metáforas estruturais) e de acordo com a experiência corpórea a partir das coordenadas sujeito-sujeito e sujeito-mundo (como as metáforas orientacionais). Partindo disso, a realidade existe no discurso e a metáfora apresenta-se como construção dessa realidade por meio da interação.

Cabe ressaltar que, para Lakoff e Johnson, nessa perspectiva, a metáfora como construção de realidade delimita-se dentro das possibilidades apresentadas pela interação. Contrasta-se, portanto, ao “princípio onipresente em toda a sua ação livre” que Ricoeur enquadra a metáfora: como criação e recriação. Nas palavras dos autores,

[...] a maior parte de nossa realidade social é entendida em termos metafóricos e já que nossa percepção de mundo físico é, em parte, metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós (Lakoff; Johnson, 2002: 244).

Tendo por base toda a discussão acima referida, assumimos o posicionamento teórico de Saussure nos *Escritos*, no que tange às concepções de sujeito, discurso, referência e metáfora; assimilando também as proposições de Ricoeur (2000) e Barthes (1979) para a análise do *corpus*. Conforme Ricoeur,

[...] a linguagem, como bem o viu Shelley, é “vitalmente metafórica”; se “bem metaforizar” é ter domínio das semelhanças, então não poderíamos sem ela apreender nenhuma relação inédita entre as coisas. Longe de ser um desvio em relação à operação comum da linguagem, a metáfora é “o princípio onipresente em toda a sua ação livre”; não constitui um poder adicional, mas a forma constitutiva da linguagem (Ricoeur, 2000: 128, grifo nosso).

Temos, então, a metáfora como “a forma constitutiva da linguagem”, que se apresenta na construção da realidade, realidade esta que se faz no e pelo discurso. Nossa perspectiva discursiva entende o sujeito como sendo sócio-histórico-cultural e a formação dos valores linguísticos a partir da coletividade, instancia detentora das coordenadas de sentido e significação.

Por entendermos a metáfora como própria da linguagem e não como desvio, e por entendê-la dentro do sistema de trocas que se dá no nível histórico-social e não somente como fator de interação alicerçado no social, olhamos no discurso do *Lula* não a condensação de metáforas que refletem o social e sim uma construção de realidade que tangencia a realidade, construindo e instalando as relações sociais.

3. AS METÁFORAS NOS DISCURSO DA VITÓRIA DO PRESIDENTE LULA: CONCLUSÕES DA ANÁLISE

Em nossa pesquisa de mestrado, nos propusemos a analisar as metáforas nos dois “Discursos da Vitória” do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o discurso de 2002 e o discurso de 2006. Esses discursos foram proferidos nos dias seguintes aos resultados das eleições e, por meio de uma entrevista coletiva, transmitidos pela mídia.

Nesta secção, apresentamos o balanço que foi feito entre os dois “Discursos da Vitória” do presidente Lula, principalmente quanto a suas diferenças. Visto que, considerando as análises, pudemos observar algumas mudanças de postura discursiva entre eles, tanto no que diz respeito à argumentação, quanto ao tom impingido a cada um deles.

O primeiro discurso mostrou-se muito mais emotivo em sua argumentação em relação ao segundo, verificando-se isso na base discursiva de cada um: “a *esperança* venceu o *medo*” e “deixa o homem *trabalhar*”, respectivamente.

A argumentação do discurso de 2002 baseia-se, quase em sua totalidade, no campo referencial de *guerra*; tanto no que se refere aos problemas a serem *enfrentados* quanto na premissa de *vencidos* e *vencedores*. A emotividade é manifesta no todo do discurso, tendo como exemplo,

Souberam resistir, *mantendo acesa a chama da solidariedade social*. Todos aqueles que não desertaram do nosso sonho, que às vezes sozinhos nas praças deste imenso Brasil, *ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança* (Lula, 2002, L. 38-41).

Nota-se um forte apelo emocional, principalmente, em “*ergueram bem alto a bandeira estrelada da esperança*”, que evoca os companheiros e companheiras de militância. Bandeira esta criada e defendida por Lula, em toda a história do PT; vista nas greves, nas assembléias sindicais, nas manifestações contra aumento de preços, no impeachment presidencial e em tantas outras manifestações em defesa dos desfavorecidos.

Já o discurso de 2006 mostra-se muito mais ameno em suas categorizações, de forma que não se remete apenas aos aliados políticos e militantes – como no primeiro discurso – nem polariza vencidos e vencedores, mas remete-se a toda a sociedade brasileira, não havendo mais adversários políticos:

Não haverá um único partido neste País que eu não chame para conversar para dizer o seguinte: agora o problema do Brasil é de todos nós (Lula, 2006, L. 92-93).

Há, nesse trecho, e impresso em todo o discurso, uma sobriedade quanto às relações políticas, de maneira que o presidente mostra-se muito mais aberto e, principalmente, convoca todos a um mesmo propósito: “*É trabalhar, trabalhar*”. A argumentação desse segundo discurso está firmada em dados concretos de realizações político-governamentais, enfatizando as obras que foram feitas e destacando a necessidade de continuidade para futuras conquistas.

Outra diferenciação que podemos destacar concerne ao tamanho do discurso: o primeiro é mais longo que o segundo, talvez, imprimindo a este uma moderação adquirida ao longo do primeiro mandato.

Quanto às metáforas, verificamos um uso metafórico muito mais marcado no primeiro discurso que no segundo, de maneira que isso se refletiu até na quantidade de ocorrências claramente metafóricas: o primeiro discurso apresenta quase o dobro de metáforas em relação ao segundo.

O campo referencial de *guerra*, embora mais explorado em 2002, também ocorre em 2006. No entanto, este retoma apenas a constante luta contra as mazelas sociais, e não mais determina vencedores – uma vez estando

todos do mesmo lado: do interesse social brasileiro. Talvez isso se dê porque nas eleições de 2002 o Lula tivesse um real adversário – o então presidente Fernando Henrique Cardoso – o que não ocorre em 2006, quando ele objetiva a reeleição, os adversários são os problemas até ali insolúveis.

Há também uma continuidade discursiva no que se refere aos campos referenciais de *nascer/crescer*, pois, enquanto no primeiro discurso “sentia-se que um novo Brasil estava nascendo”, no segundo “não se tinha dúvidas do crescimento do país”. Ou seja, o discurso de 2002 estava imerso numa realidade de expectativas, da incerteza de como se efetivaria essa transição político-ideológica, uma incerteza com esperança – como um nascimento. Em 2006, por sua vez, “as bases já estavam consolidadas” de maneira que se apresenta muito o que continuar, além de buscar novas conquistas, mas sem sair do rumo adquirido.

Enfim, o primeiro discurso é pautado na *esperança* de transformação no cenário político social como um todo, tendo o Lula como herói – não só por romper com a inércia ideológica em 1980, mas por romper com a inércia da então democracia brasileira. O segundo apresenta o *trabalho* como base nacional, a voz do povo que clama “*deixa o homem trabalhar*” espera que o Lula trabalhando viabilize trabalho e crescimento econômico a todas as classes, especialmente às menos favorecidas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com vistas a pesquisar as repercussões do estruturalismo saussuriano em algumas teorias atuais, retomamos quatro concepções de metáfora – primeiro com Ricoeur (2000), depois com Foucault (1967), em seguida com Barthes (1979) e por fim com Lakoff e Johnson (2002). A partir desse momento, pudemos definir nosso recorte teórico para a análise, no qual coadunamos as proposições de Saussure com as de Ricoeur (2000) e Barthes (1979).

Escolhido o *corpus*, os “Discursos da Vitória” de 2002 e de 2006 do atual Presidente da República do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva,

fizemos a análise discursiva de algumas metáforas selecionadas desses pronunciamentos, ressaltando-se que cada discurso resultou em uma análise em separado.

Destaca-se que não analisamos os discursos nos moldes da Análise do Discurso Francesa ou Americana, mas fizemos uma análise do fenômeno da metáfora, que tomou por base o discurso, à luz de Saussure (1973 e 2002), Barthes (1979) e Ricoeur (2000) em face à coletividade, que nos permitiram compreender a construção da realidade nos discursos do Lula.

Pretendia-se, por meio dessas análises, ratificar a discursividade encontrada em Saussure, em comparação com Barthes e Ricoeur; de maneira que a noção de significação, como um valor linguístico, admite influências histórico-sociais e principalmente a coletividade no entorno do discurso

Destarte, a análise mostrou que o tempo e a história modificaram o “Discurso da Vitória” do Lula; uma vez que, em virtude de sua luta para chegar à presidência da República, o primeiro discurso mostrou-se altamente emotivo, rico em metáforas de *guerra* e mais voltado aos seus companheiros militantes e à classe da sociedade que acreditou no sonho da mudança. Já o segundo discurso apresentou-se mais sóbrio em seus argumentos, buscando solidificar as conquistas até ali concedidas, além de ser mais moderado em sua argumentação, procurando ter como aliados todos os partidos, em prol da sociedade.

Nessa perspectiva, de diferenças sócio-históricas concernentes a cada discurso, pudemos verificar que o entorno coletivo influenciou a formação do valor linguístico não apenas no nível do signo, mas principalmente de cada discurso como um todo.

Portanto, aos que diziam que só era possível realizar uma análise com base em Saussure no nível linguístico-estruturalista, mostramos que esse autor transita com facilidade nas teorias discursivistas e, por meio de seus manuscritos, ainda há muito que se descobrir em Saussure, enquanto pesquisador, pois como ele mesmo afirmou:

É muito cômico assistir aos gracejos sucessivos dos linguistas sobre o ponto de vista de A ou de B, porque esses gracejos parecem supor a posse de uma verdade, e é justamente a absoluta ausência de uma verdade fundamental que caracteriza, até hoje, o linguista (Saussure, 2002:104, grifo nosso).

Por considerar essa total ausência de uma verdade fundamental é que esta pesquisa se coloca como um questionar de velhos paradigmas conceituais, não de forma conclusiva, mas propondo ser mais um ponto de vista – um recorte – dentro da linguística. Configurando-se como uma gota que integra um mar de possibilidades teóricas.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. Trad. Izidoro Blikstein. 6. ed. SP: Cultrix, 1979.
- CAUVET, Louis-Jean. Saussure: pró e contra: para uma linguística social. Trad. M^a Elizabeth L. Salum. São Paulo: Cultrix, 1977.
- LEWIS, Michel. As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas. (Tradução de Antônio Ramos Rosa) São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- HARRI, Rodolfo. O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos. In: Mussalim, Fernanda; Bentes, Anna Christina. (Org.) Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos. V.3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metáforas da Vida Cotidiana. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. Campinas: EDUC / Mercado de Letras, 2002.
- RICOEUR, Paul. A Metáfora Viva. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. 5^a. Ed. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. Escritos de Linguística Geral. Trad. Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002.

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u41735.shtml>. Acesso em 04/Janeiro/2007.

<http://vejaonline.abril.com.br/notitia/servlet/newstorm.ns.prescntation.NavigationServlet?publicationCode=1&pageCode=1281&textCode=120959&date=currentDate>. Acesso em 04/Janeiro/2007.